

## ENTREVISTA

com Alexandre Carneiro  
Cerqueira Lima

**POR MARIANA FIGUEIREDO VIRGOLINO**



A entrevista ocorreu durante uma animada tarde de dezembro, na qual Alexandre Carneiro Cerqueira Lima e seus orientandos de graduação e pós-graduação celebravam uma confraternização de fim de ano. Entre discussões sobre livros, História Antiga, Historiografia, filmes, séries de tv e comida e bebida fartas, o professor de História Antiga da Universidade Federal Fluminense recebeu a *Revista Cantareira* em seu apartamento e respondeu gentilmente nossas perguntas. Firme defensor do trabalho em equipe, Alexandre faz questão que as reuniões de orientação ocorram em conjunto a fim de que a troca de ideias entre seus alunos contribua para suas respectivas pesquisas, enriquecendo-as.

Não fugindo das questões polêmicas a ele colocadas, o professor se mostrou preocupado com as implicações da Base Nacional Curricular Comum (BNCC) não apenas para as pesquisas sobre História Antiga, mas ainda para o ensino de História como um todo.

**Revista Cantareira [RC]: Como se construiu seu interesse em estudar e se especializar na área de História Antiga?**

**Alexandre Carneiro [AC]:** Desde de minha época de ginásio, na época era quinta série, eu sempre me interessei e gostei de História e sempre me senti atraído pelo conteúdo de História Geral, História Antiga, Medieval e Moderna. Na minha adolescência, na casa dos meus pais, minha mãe era sócia da *Círculo do Livro*<sup>1</sup>, uma editora que vendia livros a domicílio, e eu sempre me interessava pelos livros de História, ou o que eu achava que era História quando criança. Eu comprei e li “A Revolução Francesa” do Michelet na época. Em 1992 eu ingressei na UFRJ e tinha praticamente certeza que iria estudar Medieval. Porém, as aulas da Professora Neyde Theml, que foi minha orientadora, me despertaram para a Antiguidade grega.

---

<sup>1</sup> A *Círculo do Livro* funcionou de 1973 até o fim dos anos 1990 como um sistema de clube, no qual os sócios escolhiam livros por um catálogo. As edições em capa dura podem hoje ser facilmente encontradas em sebos.

---

---

**RC: Quais são as principais diferenças entre a pesquisa sobre Antiguidade hoje e na sua época de estudante de graduação e pós-graduação?**

**AC:** A rede mundial de computadores revolucionou a prática da pesquisa. No mestrado, por exemplo, éramos obrigados a viajar para conseguir ter acesso à documentação. Hoje em dia meus orientandos têm a possibilidade de obter, por exemplo, relatórios de escavação em PDF. Há também os projetos e bancos de dados disponíveis na internet, como o *Perseus*<sup>2</sup> e o *Beazley*<sup>3</sup>. E nos últimos anos, antes da nossa atual crise, aumentaram significativamente o número de bolsas e de editais de fomento para as Ciências Humanas. No Rio de Janeiro só tínhamos um núcleo de pesquisa organizado para o estudo da Antiguidade, que é o LHIA/UFRJ<sup>4</sup>. Atualmente, temos vários laboratórios espalhados pelas universidades públicas do Estado.

**RC: Sobre seus interesses de pesquisa (corpo, cerâmica, espacialidades), como o senhor relaciona a investigação dessas temáticas na temporalidade da Antiguidade grega e a sociedade brasileira contemporânea?**

**AC:** Toda pesquisa, mesmo sendo dedicada à Antiguidade, parte do nosso tempo, da nossa sociedade e dos nossos referenciais. Quando estudei festa, o *symposion*<sup>5</sup>, utilizei o conceito “carnaval” de Mikhail Bakhtin. Talvez por ser carioca e desde sempre torcer pela escola de samba Portela, de Madureira. E, como bom carioca, sempre acompanhei as novidades dos desfiles das escolas de samba e a própria música popular. Uma das minhas cantoras prediletas era Clara Nunes. E a cidade do Rio de Janeiro é um grande laboratório para qualquer pesquisador das Ciências Humanas, seja sociólogo, historiador ou antropólogo. Andar pelas ruas do Rio é uma experiência rica e podemos exercer a prática de ver e de aceitar o Outro. Ao perambular pela orla carioca vislumbramos um caleidoscópio de nacionalidades, cores, etnias... É onde podemos também perceber todos os tipos de silhuetas e de corpos expostos ao sol. É também uma espacialidade bem heterotópica<sup>6</sup>, pois as diversas faixas de areia nos permitem identificar os diferentes grupos que compõem a sociedade carioca. O Rio e Corinto, que é a *pólis* à qual dedico minha pesquisa nos últimos anos, publicando trabalhos e artigos, são ambas cidades portuárias. O contato com o mar possibilita justamente o que o orador romano

---

2 A *Perseus Digital Library*, mais conhecida como *Perseus*, é uma plataforma online mantida pela Tufts University na qual estão dispostas gratuitamente várias fontes literárias da Antiguidade em grego e latim. Sítio Eletrônico: <http://www.perseus.tufts.edu/hopper/about>

3 O *Beazley Archive* dispõe de forma gratuita várias fotografias de vasos gregos armazenados em diversos museus e acervos espalhados. A plataforma é mantida pela Universidade de Oxford e deve seu nome a Sir John Beazley, helenista pioneiro na catalogação de cerâmica e estilos artísticos da Grécia Antiga. Sítio Eletrônico: <http://www.beazley.ox.ac.uk/index.htm>

4 LHIA é a sigla para o *Laboratório de História Antiga* da Universidade Federal do Rio de Janeiro.

5 O *symposion* (banquete) era uma festa aristocrática grega onde os convivas bebiam juntos e debatiam assuntos diversos, especialmente políticos. A cultura simposiástica atingiu também a Etrúria, sendo depois absorvida e reinterpretada pelos romanos. Um dos exemplos de como essa celebração ocorria está na literatura filosófica, com *O Banquete*, de Platão.

6 Conceito de Michel Foucault. As *heterotopias* são espaços que na verdade suportam múltiplas espacialidades ou mesmo temporalidades distintas, ainda que essas não sejam vistas de forma imediata.

Cícero criticava em cidades litorâneas: o *miasma*<sup>7</sup>. A 'contaminação' de novas ideias, de novas crenças, de novos costumes e de técnicas. As cidades portuárias estão 'abertas' a essas trocas e experimentações, ou seja, bons laboratórios para 'testarmos' nossas hipóteses de pesquisa.

**RC: Para o senhor, quais temáticas os pesquisadores brasileiros dedicados à Antiguidade poderiam explorar mais? Onde o senhor vê novos nichos de investigação?**

**AC:** Eu acho que a questão do urbanismo, a ocupação em centros urbanos podia ser mais trabalhada por quem estuda Grécia Antiga. Um mote que pode ser bastante explorado é a temática da troca e circulação de técnicas entre os diversos tipos de artesanato no mundo antigo: escultores, bronzeiros, oleiros, arquitetos, entre outros. Prefiro dar a opinião sobre minha especialidade, que é a Grécia. E Roma, atualmente, há uma renovação dos estudos sobre religião e rituais.

**RC: Sobre a Base Nacional Curricular Comum (BNCC) referente ao ensino de História, você e a Professora Adriene Baron Tacla foram alguns dos primeiros professores universitários da área de História Antiga e Medieval a se posicionarem contra a redação preliminar do documento. No seu entender, como ela afeta a compreensão dos alunos de Ensino Fundamental e Médio sobre os processos históricos?**

**AC:** Nós, Professora Adriene e eu, elaboramos um documento baseado nas opiniões dos professores que compõem o Grupo de Trabalho de História Antiga (GTHA) da Anpuh<sup>8</sup>. Minha opinião é a de que essa proposta vitimiza o estudante e o encara como alguém "incapaz" de estabelecer comparações e conexões. O estudante, no Brasil urbano, pelo menos, por meio de *smartphones*, *laptops*, têm acesso a tudo que está ocorrendo no mundo e não vai se encontrar no conteúdo trabalhado em sala de aula por um professor que só se preocupa com os últimos quinhentos anos de História Nacional. As experiências em outras temporalidades e outras espacialidades não contemplam e não interessam a essa Base.

---

<sup>7</sup> *Miasma* para os gregos e romanos da Antiguidade significava "poluição", uma contaminação social e religiosa que poderia atingir uma família ou mesmo toda uma cidade.

<sup>8</sup> Sítio Eletrônico: <http://www.gtantiga.com/>

---

---

**RC: A longo prazo, qual seria, a seu ver, o impacto do texto da BNCC na academia brasileira?**

**AC:** Os grupos que apoiam essa proposta vislumbram dominar toda a área de História de forma nada democrática e sem qualquer preocupação com as necessidades dos jovens estudantes. Provavelmente, os “simpatizantes” que apoiam a Base querem “abocanhar” de maneira feroz todas as benesses, bolsas e editais de fomento das agências para seus laboratórios e seus orientandos. Isso é muito perigoso, pois não há valorização de todo o empenho de colegas de áreas da História tais como Antiga, Medieval, Moderna e América. O Brasil é uma sociedade, de acordo com essa proposta, que se basta e seu processo histórico está completamente desconectado de uma cultura greco-romana, de um Portugal medieval e da própria África. Aliás, a “África” que essa Base míope enxerga é somente o *locus* de origem da mão de obra escrava vendida aqui no Brasil e não como um continente rico e vasto, admirado pelo historiador grego Heródoto – o “pai da História”. Os livros didáticos inspirados pela Base irão ignorar completamente as experiências dos etíopes macróbios, dos egípcios e dos cartagineses. A África ficará sempre reduzida ao olhar do historiador dedicado aos estudos de escravidão. Mulheres e homens do continente africano que não foram escravizados não interessam na ótica do historiador ufanista!

Bom, sobre o impacto da reforma curricular: ela consiste num total desprezo pela própria experiência humana. E, claro, isso acarretará um distanciamento entre a sala de aula e o ‘mundo real e cotidiano’. Creio que os jovens não irão ter mais interesse em estudar as diversas experiências históricas ao longo dos séculos, simplesmente porque elas não podem formar um cidadão brasileiro... Lamentável essa proposta. O distanciamento entre ensino e pesquisa nas escolas atingirá as universidades. Os cursos de licenciatura e bacharelado também vão investir em história regional e nacional... Isso demonstrará uma total falta de memória... Cairemos todos no plasma do esquecimento. Espero que eu já esteja há muito no mundo do Hades!<sup>9</sup> Essa proposta lembra as disciplinas da minha época de escola, no período final da ditadura militar, em que éramos obrigados a estudar um conteúdo ufanista condizente ao slogan de propaganda do regime ditatorial: “Brasil: ame-o ou deixe-o”. Bom, prefiro pensar em um “país acolhedor”. Uma sociedade que, pelo menos seus professores e intelectuais, exerçam a prática de estudar e de aceitar a experiência do Outro.

---

<sup>9</sup> *Hades*, para os gregos antigos, era o mundo dos mortos, localizado abaixo da superfície terrestre e governado pelo deus de mesmo nome.